



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**CARLOS ALBERTO DE SOUZA (NECO)**

**(depoimento)**

**2014**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-451

**Entrevistado:** Carlos Alberto de Souza

**Nascimento:** 04/01/1965

**Local da entrevista:** Centro de Memória do Esporte

**Entrevistadoras:** Pamela Siqueira Joras e Suellen dos Santos Ramos

**Data da entrevista:** 05/09/2014

**Transcrição:** Thayná Lima Fagundes

**Copidesque:** Ivone Job

**Pesquisa:** Suellen dos Santos Ramos

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 52 minutos e 50 segundos

**Páginas Digitadas:** 22 páginas

**Observações:**

Entrevista produzida para o *Programa Mulheres e Futebol* desenvolvido pelo Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO).

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Envolvimento inicial com o esporte; Despertar de uma carreira; Afastamento da Educação Física; Inserção no futebol feminino; Ingresso no futebol de campo; Trabalho com o futebol feminino; História do futebol feminino no Rio Grande do Sul; Associação Gaúcha de Futebol Feminino; Seleção Gaúcha de Futebol Feminino; Momentos marcantes na trajetória; Perspectivas com o futebol feminino.

Porto Alegre, 5 de setembro de 2013. Entrevista com Carlos Alberto de Souza (Neco) a cargo das pesquisadoras e Pamela Siqueira Joras e Suellen dos Santos Ramos para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

S.R. – Primeiramente obrigada por estares aqui disponibilizando teu tempo para fazer esta entrevista. Que seja uma conversa tranquila, um bate papo entre nós. Primeiro eu gostaria de saber como e quando começou teu envolvimento com o esporte?

C.S. – Esporte no geral?

S.R. – No geral.

C.S. – Acho que desde que eu tinha dez anos de idade. Na época, os esportes olímpicos eram mais difundidos nas escolas, então, vamos falar trinta anos atrás, trinta e um pouquinho mais [RISOS]. Então, o que acontecia? As aulas de Educação Física nas escolas eram bem definidas. Tinha num bimestre handebol, noutro voleibol, noutro futebol, daí entrava futebol de salão e atletismo. Então, as aulas de Educação Física aconteciam aos sábados pela manhã. Eram as manhãs esportivas onde todo mundo jogava, grupos de meninos que brincavam muito na rua, uma coisa que pouco se vê hoje. Se não estava no colégio jogando, no sábado de manhã, estava durante as tardes brincando e jogando futebol. Por habilidade natural a gente acabou fazendo parte de uma escolinha de futebol e dessa escolinha de futebol eu acabei indo jogar no Grêmio<sup>1</sup>. A partir daí fui estudar no IPA<sup>2</sup>, onde eu ganhei uma bolsa de estudos para concluir o segundo grau e para jogar futebol. A partir disso, descobri que o esporte era a grande saída. Eu gostava, socializava, tinha muitos amigos, então optei por seguir a carreira do esporte que teria, obviamente, a faculdade de Educação Física.

S.R. – Hum... muito bom! E trabalhou com o quê dentro da faculdade e depois que te formou?

---

<sup>1</sup> Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

<sup>2</sup> Centro Universitário Metodista.

C.S. – Eu tive um acompanhamento muito interessante: dois professores que, infelizmente já faleceram, professor Gilmar Vitória da Silva, foi a pessoa que desde os meus dez anos de idade acompanhou minha trajetória no futebol e me ajudou, e me incluiu em vários projetos esportivos. Eu nem pensava ainda em fazer faculdade de Educação Física e já o auxiliava nos treinamentos das categorias menores. Depois foi a professora Rosane Molina<sup>3</sup>, recentemente falecida, esposa do Vicente Molina Neto. Pessoa que me ajudou muito na minha carreira. Essas pessoas conduziram a minha carreira me acompanharam, então, eu sempre estava envolvido. Se eu não estivesse jogando eu estava auxiliando, eu era o ajudante do professor. Depois, quando eu entrei na faculdade, em seguida eu iniciei o estágio, tive a oportunidade de ser preparador físico da seleção gaúcha estudantil por dois anos seguidos. Esse envolvimento facilitou a minha penetração no esporte.

S.R. – Muito bom. E a partir de quando e em que situação te inseriu no futebol feminino?

C.S. – Eu sou servidor público e em 1990 participei de uma seleção de trabalho que a Varig<sup>4</sup> fez para profissional de lazer. Eu achava que era mais um trabalho que um profissional de educação física fazia, tipo, trabalha de manhã num lugar, de tarde noutro, de noite noutro, e, às vezes, na madrugada [risos] noutro. Então, fui fazer essa seleção e descobri que não era, era para ser coordenador de eventos da Fundação Rubem Berta nos estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina. Acabei entrando nessa vaga, pedi licença para tratamento de interesse, trabalhei oito anos ali. Durante esse período eu fiquei afastado da educação física. Fiz uma faculdade de administração, depois me especializei em administração em marketing esportivo. Quando eu retornei, saí da Varig, retomei minha matrícula na Prefeitura<sup>5</sup>, e estava decidido a investir no marketing esportivo. Comecei e terceirizei no Esporte Clube São José a escolinha de futsal. Lá nós abrimos para futebol feminino, futsal (não mais futebol de salão e sim futsal) e o naipe feminino representava 38% do número de

---

<sup>3</sup> Rosane Kreuzburg Molina.

<sup>4</sup> Viação Aérea Rio Grandense.

<sup>5</sup> Prefeitura Municipal de Porto Alegre.

alunos da escolinha como um todo. Eram cerca de trezentas crianças, 38% eram meninas!

S.R. – Isso em que ano?

C.S. – Em 2007, minto 1997, depois foi até 2002. São José jogou a série bronze, série prata e tal. Ali a secretária, na época Secretária Municipal do Esporte, professora Rejane Penna Rodrigues, descobriu que eu era servidor da Prefeitura, tinha carga horária de vinte horas e fazia esse trabalho de futsal, me convidou para ir para a secretaria do esporte. Retomei as quarenta horas para coordenar o segmento de futsal que era uma coisa que o município precisava, montei uma equipe para organizar a coordenação municipal de futsal e foi quando fiquei sabendo que tinha o [PALAVRA INAUDÍVEL]... Não sei se te lembra, a gente começou a fomentar o futsal, o feminino e o masculino. O feminino carecia de incentivo e organização nas categorias, tinha menina de dez que jogava com a de quinze. Nós juntamos, eu convidei o professor Vicente Campozani, o professor Gilmar<sup>6</sup>, e nós montamos a coordenação com especialistas em futsal. Criamos a Coordenação Municipal de Futsal, daí então, surgiu o campeonato municipal, o municipal adulto, o municipal feminino, sub-17. Entrei nesse mundo do feminino e vi que realmente precisavam alguns ajustes, e nós conseguimos desenvolver no futsal. Passado o período, essas coisas aconteceram e eu não estava mais na Secretaria Municipal do Esporte, recebi uma visita, isso faz, exatamente, sete anos atrás. Estamos em 2014, foi em 2007, 2006, da professora Eduarda Luizelli<sup>7</sup>, do professor Marcos Planela<sup>8</sup> de Pelotas, do Newton<sup>9</sup> do Sapucaense<sup>10</sup>, e, eu não me lembro, acho que tinha mais uma pessoa, não lembro quem era. Eles foram à minha residência me convidar para organizar o Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino. Tinha sido lançada a Copa do Brasil, e não existia campeonato e a Federação<sup>11</sup> estava indicando quatro equipes do Rio Grande do Sul: Rio Grande<sup>12</sup>, Pelotas<sup>13</sup>, a Duda<sup>14</sup> e

---

<sup>6</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>7</sup> Eduarda Marranghello Luizelli.

<sup>8</sup> Marcos Planela Barbosa.

<sup>9</sup> Newton Correa.

<sup>10</sup> Grêmio Esportivo Sapucaense.

<sup>11</sup> Federação Gaúcha de Futebol.

<sup>12</sup> Sport Club Rio Grande.

<sup>13</sup> Esporte Clube Pelotas.

Juventude<sup>15</sup>. A Federação não conseguiu organizar aquele campeonato, disse que até iniciou e terminou em confusão. Eles gostariam, já que eu tinha feito isso na prefeitura de Porto Alegre que tentasse no estado. Claro, meu relacionamento com o Novelletto<sup>16</sup>... Quando ele terceirizou o campo do São José eu terceirizei o futsal, então nós ficamos amigos. Claro, fui lá conversei com ele a pedido dessas equipes, e me propus a organizar o campeonato feminino. Assim, eu entrei no mundo do futebol de campo, entrei como empresa, pensando: “Eu vou prestar um serviço como profissional e vou receber por isso”. Pelo contrário, não recebi nem da Federação e nem das equipes porque não tinham condições de fazer. Então, convidei o Vicente Campozani, o Zeca Albuquerque<sup>17</sup> e algumas pessoas do futebol que tinham contatos no interior do estado para que cada um organizasse uma regional a partir dessas equipes: Pelotas, Rio Grande, Juventude de Caxias e a própria Eduarda. Iniciamos, aqui na UFRGS<sup>18</sup>, o primeiro campeonato gaúcho pós-período, assim, embrionário, que não aconteceu nada. Nós fizemos aqui na UFRGS a fase metropolitana, a regional. Eram dez regiões no estado, uma região era aqui no campo da UFRGS, e o professor Vicente me ajudou a conseguir o campo e nós fizemos a regional aqui. Pelotas fazia a regional lá e assim foi e chegamos a ter quarenta e oito equipes no total. Classificava duas, então dariam dez regiões, vinte equipes. A gente começou a fazer assim e cada um ajudava nessa segunda fase com quinhentos reais ou trezentos reais porque nós regionalizávamos de novo, então, por exemplo: Pelotas recebia Porto Alegre, Guaíba, Rio Grande, Pelotas. Todo mundo juntava esse dinheiro e com esse se pagava o ônibus para ir até lá e assim era em todas as regiões. A gente foi indo, foi indo só que o pessoal também cansou de jogar sempre com os mesmos, então dividimos: série A, com as mesmas equipes que se classificavam e a série B com as outras. Série B só saía se essas outras equipes quisessem, vamos dizer assim. O que foi a Copa RS era característica dessas equipes e a série A. Me envolvi com o futebol feminino a partir daí. Conheci essa realidade e em dois anos eu fui à Federação dizer que eu não faria mais porque eu achava injusto tirar de quem não tem e ao mesmo tempo eu também não ter. A minha perspectiva ficou frustrada como profissional por uma relação assim, de diz que diz. Claro que busquei

---

<sup>14</sup> Escola da Duda.

<sup>15</sup> Esporte Clube Juventude.

<sup>16</sup> Francisco Novelletto Neto.

<sup>17</sup> José Carlos de Albuquerque.

<sup>18</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

apoio da Federação para ter um campeonato sério. Busquei apoio do sindicato [TRECHO INAUDÍVEL] para ter uma arbitragem séria e a gente construiu o que era o quê? Um produto, porque hoje o produto masculino é o futebol e o feminino tem que ter um produto tão bom quanto. Por isso, a gente começou a criar essas regras. A arbitragem é a da Federação, é a mais cara, mas consistente para buscar um patrocinador. Ah! A Federação, sim a Federação é importante porque é um campeonato oficial, não é a liga do fulano que classifica ou junta três, quatro para jogar que acaba não terminando. Tempo de jogo é quinze para cada, é um campeonato oficial. Essa era a minha visão de marketing para que acontecesse e a gente conseguiu, só que em dois anos eu vi que não tinha realmente apoio. A Federação não tinha interesse em investir nisso. Ela tinha interesse em apoiar, mas não investir por questões de mercado e aí eu fui lá, e ele perguntou “Mas qual é a outra situação?”. Ah! Quem sabe, criar ma instituição, não uma liga, porque existem três ligas no Rio Grande do Sul. Cada liga tem uma dona que não faz nada pelo esporte, promove, mas não faz. Não dá, não mostra perspectiva de desenvolvimento. Faz o campeonato, jogou, acabou, deu. Vamos criar uma associação e buscar essa condição, e também, com o objetivo de que no estatuto da associação possa a entidade contratar uma empresa terceirizada. Pensei: “bom, então aí eu não sou nada da associação e terceirizo meu serviço, vou buscar um ganho como profissional da área”. Morreu na casca! Fizemos a assembleia, veio o pessoal do interior, a Tatielle<sup>19</sup> até participou, na época ela já estava, e acabei sendo eleito, entendeu? Bom, assumi, então, meu envolvimento vem daí, há seis, sete anos no futebol de campo.

S.R. – Esse campeonato que tu citou que começou na ESEF<sup>20</sup> foi 2007 ou 2008?

C.S. – 2007 eu acho, tem aquele material ali. Mas acho que dá para dar uma olhada, mas foi há seis anos exatamente.

S.R. – Encontrou alguma resistência por querer trabalhar com futebol feminino?

---

<sup>19</sup> Tatielle dos Santos Silveira.

<sup>20</sup> Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

C.S. – Eu fui muito zuado pelos meus amigos que jogavam futebol. Diziam assim: “Que que tu quer com o futebol feminino?” Como existe essa questão da sexualidade forte, do gênero, de vez em quando me zuavam, tipo assim: “Tá mas, e esses carecas?” Era eu e o Vicente, carecas! Nossa! O Vicente já aposentado, nós andando para cima e para baixo, então o pessoal também mexia assim: “Ah, lá vem os carecas”. Há grande resistência, as pessoas já me conheciam e acho que como estratégia era importante a minha presença, a do Vicente e do Zeca Albuquerque. O brabo era saber se esses dois estavam a fim de tocar isso, porque foram as pessoas que fizeram história no futebol. O Zeca Albuquerque chegou a ser preparador físico da seleção, trabalhou na Arábia Saudita. O Vicente trabalhou no Grêmio, foi preparador de goleiro, do Danrlei<sup>21</sup>. Até no livro dele agradece ao Vicente. Se estavam dispostos a colocar na roda os contatos pessoais de cada um, para que a gente, dentro da Federação e até então masculina, a gente conseguir o que está se conseguindo. Parece pouco, mas é muito porque a gente vai lá, consegue ser recebido pelo presidente. Entra no site da Federação. Existe ali o *link* da associação. Essas coisas são importantes. A resistência maior que eu vejo é das próprias equipes femininas. Parece-me que ainda carece de um crédito maior que não depende da associação, não depende de mim, não depende de vocês. Depende é da estrutura do país para que isso se desenvolva. É uma grande caixa preta, porque a gente expandiu o futebol feminino. Afinal, o feminino de quatro equipes no Rio Grande do Sul passou para quarenta e oito. De quarenta e oito ficaram vinte e o objetivo da associação era divulgar o trabalho da Marli<sup>22</sup> lá no interior para que ela não deixe de trabalhar com o futebol feminino. Do Marcos Planela, que não deixe de trabalhar com o futebol feminino. Da professora Rosangela<sup>23</sup> de Rio Grande, para que o Atlântico<sup>24</sup> que trouxe o futebol feminino, não fazia parte da história deles, montou, inclusive, hospedagem para as meninas, não deixe de trabalhar com o futebol feminino. Então, a maior resistência que eu vejo, é que parece que não queriam que isso acontecesse, entendeu? Parece que existia um certo domínio, inclusive em relação à Confederação, a CBF<sup>25</sup>. Com a seleção brasileira, parece que não querem abrir essa caixa, entendeu?

---

<sup>21</sup> Danrlei de Deus Hinterholz.

<sup>22</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>23</sup> Rosangela Solano Rodrigues.

<sup>24</sup> Clube Esportivo e Recreativo Atlântico.

<sup>25</sup> Confederação Brasileira de Futebol.

Para oportunizar aos profissionais, mostrar o seu trabalho e para que essas meninas possam ter a condição. Essa foi a maior resistência. Tirando a questão do investimento, mas o investimento é aquilo que eu falo, se uma jogadora não vale um passe de mulher, não vale dinheiro, tu não vai ter um investidor, o patrocinador. Ele vai querer mídia, a mídia hoje está comprometida com os outros esportes. Com uma verba muito maior, então é difícil trazer uma Paquetá<sup>26</sup> para bancar um campeonato se não oferecer para ela a mídia. O que ela vai gastar com o futebol feminino ela não gasta cinquenta por cento pagando a mídia, então, ela paga a mídia para divulgar o nome dela e não paga o patrocínio do campeonato que ela vai gastar mais, está me entendendo? Essa é a relação que existe. Tem gente nos estádios cheios, jogos do futebol feminino levam mais pessoas que o Gauchão, entendeu? Vejo a dificuldade no comércio disso, mas isso é mercado em relação ao desenvolvimento do futebol feminino acho que a maior é entre as mulheres.

S.R. – Tudo certo! Então tu citou esse campeonato que começou a fomentar em 2007, mas eu queria saber se tens algum conhecimento de campeonatos anteriores ou história do futebol praticado por mulheres no Rio Grande do Sul? Quando iniciou, alguns nomes que possas citar.

C.S. – Pelo que pesquisei, acho que eu não consigo clarear exatamente o período, mas eu sei que teve logo após aquela lei ser revogada que não permitia o campeonato, o Rio Grande do Sul foi a primeira Federação que fez o campeonato. Acho que isso foi em 1983 ou 1973. Não me lembro.

S.R. – 1983.

C.S. – 1983 né? Aí teve o campeonato, depois parou, ficou um tempão, seis ou sete anos sem. Então o que gestor achava? Isso eu tiro hoje, que dando bola e fazendo com que as equipes aí do [PALAVRA INAUDÍVEL] não tivesse departamento do futebol feminino estava resolvido e não estava. Então foi isso, eu tenho algumas histórias e o futebol feminino veio assim no Rio Grande do Sul, períodos que acontecia, períodos

---

<sup>26</sup> Lojas Paquetá.

que não acontecia, períodos em que o governo estadual botava dinheiro, períodos em que não. A equipe não se estimulava dentro do departamento, aí foi a busca dentro de cada equipe. Grêmio e Inter<sup>27</sup>, vamos usar como ícones, que acho que no interior isso sustenta melhor do que na capital porque a cobrança por resultado é maior do que no interior. Então, fui falar com alguns dirigentes do Grêmio e do Inter, sobre o problema de vestiário, não sabiam, eram homens na sua maioria, talvez não soubessem conduzir essa questão da homossexualidade. A forma como a mulher que joga futebol se expõe mais na questão comportamental. Houve alguns problemas de má gestão tipo, um clube até designava um valor que não chegava onde tinha que chegar, isso era nos clubes. Meninas que entraram na justiça contra clubes querendo uma equiparação salarial ou direitos por ter jogado. Isso dentro de Grêmio e Inter atrapalhou um pouco a gestão. A má gestão atrapalhou o crescimento do futebol feminino no estado do Rio Grande do Sul. Nomes? Tá louco! Tem algumas pessoas que conseguiram ou usufruem ainda dessa benesse do nome. A Duda, eu acho que no estado é a que mais se destaca, mas tinha na época dela a Bel<sup>28</sup>, a Beth<sup>29</sup>, a Maria<sup>30</sup>, uma zagueira morena também, esqueci... Ela fundou um clube que jogava até futsal...

S.R. – Aqui em Porto Alegre?

C.S. – Aqui em Porto Alegre, ah, até o professor Márcio<sup>31</sup> que trabalhou no Inter também era desse time, era uma coisa muito legal. Antonieta<sup>32</sup>, agora veio o nome dela, mas ela jogou na época da Duda. Quem mais eu lembro aqui do estado? Seriam essas que eu estive conversando. Eu fiz uma entrevista com a Beth, ela é minha colega na prefeitura, aí a gente, [RISOS] “pô, mas espera aí, tu não és a Beth que jogava?” Era! Ela trabalhava como auxiliar administrativa fez concurso, ela está bem assim. A Bel, a última vez que eu falei com ela foi no JPOA<sup>33</sup> de futsal. Ela tinha um time e ela e o marido levavam um time e tudo mais.

S.R. – Lembra o sobrenome da Beth?

---

<sup>27</sup> Sport Club Internacional.

<sup>28</sup> Isabel Cristina de Araújo Nunes.

<sup>29</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>30</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>31</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>32</sup> Nome sujeito a confirmação.

C.S. – Bah, não lembro! [RISOS]. Não me lembro, mas eu posso dizer onde ela trabalha. Se tu quiseres fazer uma entrevista, ela trabalha no CECOPAM<sup>34</sup>.

S.R. – Sei.

C.S. – Parque Madepinho ali, passando o Nonoai Tênis Clube à esquerda; Ela trabalha lá como auxiliar administrativa, pode falar com ela, que mais? [RISOS]

S.R. – Não, é, muito interessante assim ...

C.S. – Atualmente tem a Tatiele, tem a Karina<sup>35</sup> [TRECHO INAUDÍVEL]... Então eu vejo que está se renovando, mas daquela época o que eu lembro são essas.

S.R. – É porque a gente tem ...

C.S. – Mara Prado<sup>36</sup> também.

S.R. – Mara Prado?

C.S. – Mara Prado! Jogava no Internacional, meia-esquerda. Chegou a jogar na seleção, mas se machucou e parou de jogar.

S.R. – É bom saber, porque existe uma lacuna muito grande na história do Rio Grande do Sul. Tem um momento em que a gente não sabe mais o que aconteceu no estado em relação ao futebol que as mulheres jogavam.

C.S. – Tu sabes o que eu acho que é isso? Outra característica que eu observei, que foi falado na palestra da Aline<sup>37</sup>, de como as mulheres que jogavam futebol, que tem

---

<sup>33</sup> Jogos Abertos de Porto Alegre.

<sup>34</sup> Centro da Comunidade Parque Madepinho, em Porto Alegre.

<sup>35</sup> Karina Balestra da Luz.

<sup>36</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>37</sup> Aline Pellegrino.

habilidade, e acabam sendo poucas, jogavam muito em outros estados. Tu sabias que a Pamela que jogava, tu conhecia ela, tu ligava de outro estado: “Pô Pamela, e aí, bah, o campeonato aqui não está saindo, então vem jogar aqui”. Acabava esse pessoal circulando muito e, às vezes, ficava em outros estados oportunizada por melhores condições. Acho que foi onde o Rio Grande do Sul perdeu a identidade.

S.R. – Eu acho que acontece muito isso ainda, mas muitas meninas também vinham para o Rio Grande do Sul jogar e até meninas de seleção.

P.J. – O problema é a ausência de registro.

S.R. – Exatamente, exatamente o que a gente não tem.

C.S. – Falta gestão [RISOS], é isso que eu acho alguém realmente interessado. Por isso, eu acho que a universidade tem um papel fundamental porque a universidade favorece esses registros. Vocês aqui no CEME. Olha o trabalho que fazem de registro! Isso é importante. Na associação nós não temos condições de fazer registro porque eu não tenho como pagar alguém para fazer, então depende muito da minha disponibilidade ou de alguém fazer isso. As pessoas que se somam a isso desistem em seguida, porque acham que vão entrar na parceria buscando uma oportunidade de viabilizar financeiramente o negócio dele e não consegue. Até aquele pessoal da “futube” que nos ajudou. Os caras achavam que iam fazer do futebol feminino o que faz o futebol masculino e não conseguiram. Eles queriam cobrar das equipes. Eu falei: “bah, vão, mas acho que não vai dar”. Infelizmente, isso passa. O masculino, a cultura do masculino ainda é muito absorvida e o feminino acaba se perdendo, é uma pena isso aí.

S.R. – Bom, e como tu percebe isso...

C.S. – Maria Anita<sup>38</sup> o nome, tu conheceu ou não?

S.R. – Maria Anita [RISOS]. Não me lembro.

C.S. – Maria Anita jogou na seleção brasileira, zagueira também e montou um clube em Porto Alegre de futsal e futebol de campo. Daqui a pouco eu lembro o nome. Me desculpa, tu está gravando aí, tu corta, mas isso é importantíssimo porque foi o primeiro clube que eu vi e jogou o estadual de futsal e tudo.

S.R. – Qualquer coisa após a entrevista tu podes me dizer.

C.S. – Tá, claro.

S.R. – E como tu percebes a mudança do futebol feminino ao longo desses anos? Tu gestou alguns fatos que aconteceram nas décadas de 1980, 1990 e agora nos anos 2000. Como tu percebes essa mudança, tanto de gestão quanto da prática?

C.S. – Eu acho que é muito legal assim, essa coisa da secretaria das mulheres que o Rio Grande do Sul tem. A própria universidade aqui, é que tudo está sempre vinculado a uma pessoa, podes ver. Vocês tem aqui o apoio da professora Silvana<sup>39</sup> que eu acho fantástico. Uma historiadora interessada que isso aconteça. Se não existisse esse protagonismo ia continuar sem registro. Nós estamos aqui hoje em função disso, de uma pessoa que se interessa, então assim é que eu vejo. Hoje, depois desses seis anos em que eu estou envolvido e comprometido com o futebol feminino, é o primeiro ano que eu noto uma perspectiva para que isso realmente aconteça e se desenvolva. Então qual é a perspectiva do ponto de vista de quem trabalha, quem é o gestor disso, assim futebol feminino começa a dar sinais de que ele é viável a partir de políticas públicas sérias que dão espaço para profissionais trabalharem. Então, olha o curso de arbitragem que a gente fez e que agora, através da associação pelo campeonato gaúcho, nós vamos protagonizar para que elas não só façam estágio mas recebam pelo estágio. Isso é uma coisa importante porque motiva a pessoa, ah, não é muito, mas eu estou recebendo. Do ponto de vista de quem pratica, também começa a aliviar um pouco os custos. A gente já nota também o poder público querendo investir mesmo não sabendo ainda direito,

---

<sup>38</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>39</sup> Silvana Vilodre Goellner.

mas investir nesse esporte como inclusão social, que é uma coisa meio discutível ainda. O futebol feminino ainda é visto, na maioria dos municípios, como uma proposta de inclusão social, ou seja, eu vou proporcionar que mulheres que não trabalham que apenas estudam joguem futebol. Então, estou começando a observar e para dar certo a organização federal tem que ser diferente. Acho que o futebol feminino tem que sair da CBF. O futebol feminino na base, que é o que precisa deve popularizar. Como é que vai popularizar, ele não pode ficar centralizado, ele tem que sair de lá, então, acho que tem sim que se criar uma Confederação Brasileira de Futebol Feminino ou uma Associação Brasileira de Futebol Feminino. Enfim, um órgão que possa mediar isso entre o Ministério do Esporte e CBF e a partir dele recriar. O futebol feminino tem que ser que nem Fênix. Ele tem que ser recriado nos estados a partir de uma realidade que está começando a surgir agora que não tem nada a ver com o futebol masculino. Tem a ver sim com o futebol feminino, a sua cultura, sua forma de ver, sua forma de jogar, a sua consistência. Cada estado deve desenvolver a sua entidade feminina, ou seja, liga, ou associação. Enfim, vinculada a esse órgão nacional, que vai dar a diretriz de como isso tem que acontecer e fomentar. Então assim, pode ser Inter, pode, Esporte Clube Internacional Feminino, outro CNPJ<sup>40</sup>, outra diretoria e outros interesses, entendeu? Mas não vinculado ao masculino. Acho que o futebol feminino tem que percorrer isso para que se criem escolinhas de futebol feminino exclusivas, fomenta a base, começam a surgir novos talentos, a partir daí, vamos desenvolver isso. Daqui a pouco o futebol feminino não cabe num campeonato de futebol feminino por ser muito caro, bom, então vamos fomentar nos estaduais e cada estado faça sua seleção. Vamos promover então um campeonato brasileiro de seleções, porque nos estados já foi feita a peneira. A partir de pessoas que coordenem essas entidades, associações ou federações, ou lá sei eu, estaduais, mas que não tenham vínculo direto com os clubes, tu entendeu? Vejam o desenvolvimento disso sem estar vinculado ao clube. Não é que o presidente da Federação deva ser presidente do Inter, não, ele tem que estar fora para ele poder ter noção do que está se desenvolvendo e aí o mercado de trabalho cresce. Agora vamos ver a outra parte. Tu consegues vender chuteira, traz patrocínio, consegue vender roupa adequada para o futebol feminino, consegue patrocínio, consegue..., enfim, protetor, caneleira. Tem um monte de produtos: para a pele, e cabelo que podem estar

---

<sup>40</sup> Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica.

vinculados ao futebol feminino e que hoje não estão. Hoje estão vinculados ao masculino, então, é um mundo todo, mas tem que ter essa perspectiva e essa visão. Acho que hoje está mais próximo do que antes. Acho também que está encaminhada uma lei federal. Tive oportunidade de falar com a Aline Pellegrino e ela disse assim: “ah, tu vê, nós estamos aí num movimento que a Caixa Econômica Federal, os times que eles apoiarem, obrigarem a ter um departamento feminino.” E eu: “olha só, Aline, a gente tem outra ideia, que saiu daqui, e já está inclusive para ser votado, já passou pela câmara de deputados, agora foi pro senado, que é uma lei que obriga toda estatal, então não é só a Caixa Econômica Federal, é o Banco do Brasil, o Banrisul, o Banco de Santa Catarina, enfim, patrocinar o futebol feminino e masculino. Um percentual disso tem que ser para o feminino”. Aí ela: “Bah, mas que bom, então nós temos que somar”. Eu falei: “É, eu acho que nós temos que somar, mas aonde vai esse dinheiro, Aline?”. Ela: “Ah, pois é, se cair da CBF não vai ver de novo”. Então, por isso que tem que ir junto essa criação de uma entidade que absorva, nem que seja no primeiro momento, o próprio Ministério do Esporte. Mas, acho que tem que ter para fomentar isso, entendeu? Vamos gerar emprego para ter um pessoal trabalhando na gestão do futebol feminino e que vai atrás e que vai fazer entrevista e que vai conhecer o local de trabalho e que vai ver as condições de quem está treinando, vai ver a habilitação de quem treina, quem dá o treino e aí a gente passar credibilidade.

S.R. – Bom, tu já falou um pouquinho da associação gaúcha, mas eu gostaria que tu entrasses em maiores detalhes de como surgiu a ideia de criar a associação gaúcha de futebol feminino?

C.S. – Como eu falei, ela surgiu de uma ideia de largar de mão o futebol feminino. Eu não achava que era justo estar explorando, entendeu? Eu me sensibilizei por essa situação, eu estava lá num jogo do Flamengo de Alegrete<sup>41</sup> contra o Rey Sol<sup>42</sup>, que tinha aqui em Porto Alegre, e a guria entrou em campo, caiu nos dez minutos de jogo e não levantou. Ela me parecia assim, uma pessoa em condições. Falando com o presidente do Flamengo ele disse que ela tinha passado mal porque ela passou a noite em claro. Aí eu falei: “Não ela não sabia que tinha jogo?”. Ele: “Neco, ela estava se

---

<sup>41</sup> Clube Escolinha de Futebol Flamengo.

prostituindo, na verdade”, para poder garantir o espaço dela como mulher de jogar futebol. Então aquilo me sensibilizou de tal forma que falei: “Ou põe dinheiro, cara, ou então estou largando porque eu não acho justo”. Ele disse: “Mas não tem um plano B?”. Eu falei: “Não, quem sabe então uma instituição”. Ele comentou uma liga. Eu falei liga não dá porque tem dono, liga se tu quiseres ficar, tu fica eternamente. Acho que tem que ser uma associação de caráter esportivo, de classe feminina, uma associação que pudesse ser o guarda – chuva, de buscar na FUNDERGS<sup>43</sup>, buscar no governo federal a condição de viabilizar o campeonato. Ele topou a ideia, nós fizemos uma assembleia, o estatuto. O estatuto permite a eleição de quatro em quatro anos já ajustado pela nova lei de responsabilidade, então, eu estou na minha última gestão. Estamos trabalhando juntos para que outras meninas assumam a associação de futebol feminino. A proposta era de realmente incentivar vários projetos, que tu inclusive participaste do primeiro fórum. Nós fizemos dois fóruns brasileiros de futebol feminino, a gente fez a seleção gaúcha que na verdade aquilo nos quebrou, quebrou pessoalmente, assim né [RISOS]. A gente teve que botar dinheiro, achava que ia vir, não veio. O próprio presidente, Francisco Noveletto colocou as empresas dele para ajudar na questão do IPTU pela lei de incentivo, mas aí nós fomos verificar, é que são casas de aluguel e o aluguel não está no nome da Multisom. Está no nome da pessoa e o projeto foi feito em nome da Multisom, então, não pode repassar os valores, aí a gente bancou, claro, aconteceu, tu foi lá, viu. Mas, nós não conseguimos cumprir exatamente como gostaríamos, então, a associação acho que deu institucionalmente um certo respeito. Hoje aqui no Rio Grande do Sul para fazer alguma coisa oficial pela CBF, pela Federação, a associação está diretamente vinculada. Maior exemplo disso foi agora... [TRECHO INAUDÍVEL] foi fazer uma parceria com a Prefeitura Municipal de Cachoeirinha. A Prefeitura exigiu um documento da Federação dizendo que a associação, realmente, era instituição e prontamente a Federação mandou; Não só mandou como o presidente do Atlântico ligou para o prefeito e falou: “poxa não precisava isso, porque se a pessoa está dizendo aí que está”, [RISOS]. Depois o próprio prefeito, no primeiro jogo da Copa RS, nós nos conhecemos. Ele: “Bah, tu me desculpa”. Eu falei: “Não, perfeito”. Primeiro reforçou o que a gente achava mesmo, tem ligas aí que as pessoas, simplesmente, não dão conta e a associação que, realmente,

---

<sup>42</sup> Clube Esportivo Rey Sol.

<sup>43</sup> Fundação do Esporte e do Lazer do Estado do Rio Grande do Sul.

está sendo respeitada e a gente vai deixar esse legado para as próximas que vierem cuidar disso. Isso que não pode estar vinculado a clube, tem que estar focado no desenvolvimento da associação, a partir do que ela é. Eu não estou sempre lá na Federação pedindo migalha, também não é o meu perfil de pedir. Eu acho que a gente tem que fazer por nós, porque se conseguirmos realizar o gostinho é melhor. Tu tem que escutar: “ah, se não fosse eu a coisa não acontecia”. Porque, [TRECHO INAUDÍVEL], ah, só um pouquinho, porque conseguiu lugar para treinar? Não, não, então eu prefiro motivar as gurias e quem acreditar no trabalho da gente, chegar lá junto, porque a dificuldade já existe, um pouquinho mais não vai fazer mal. Acho que instituições como a Federação têm que vir para bancar, então se não banca pelo menos não nos tranquem o caminho e é isso que está acontecendo, não nos estão trancando, estão nos auxiliando.

S.R. – Tu citaste um fato agora que eu acho importante falar um pouquinho sobre a seleção gaúcha de futebol feminino. Como aconteceu, como foram escolhidas as pessoas para trabalhar nela?

C.S. – Tomei um pau ali! Eu era preparador físico, tá louco, eu sempre pensei de que forma iríamos viabilizar dinheiro. Não adianta fazer, tudo é dinheiro, vocês trabalham aqui, precisa ter dinheiro. Então eu pensei assim: bah seleção gaúcha seria um projeto interessante do ponto de vista do marketing porque a gente tem a chancela oficial da Federação gaúcha de futebol. Ou seja, não é um projeto que reuniu treze, como acontece, às vezes, no masculino, vão jogar e perguntam [RISOS]: “Ah, tinha uma seleção gaúcha aqui e ninguém sabia?” Não, saia com a chancela oficial da Federação, tanto que nas camisetas tinha a logomarca da Federação do Futebol e nós pretendíamos o quê? Com aquele projeto viabilizar uma seleção que deveria ser composta, no mínimo, por uma menina de cada time que jogasse o Gaúchão, para justamente, estimular naquele setor. Aí nós pegaríamos essa seleção e faríamos jogos triangulares, uns no Uruguai, e aí claro que nós íamos cobrar por isso, daria visibilidade. Pagaríamos as meninas e a partir daí, nós começaríamos a puxar, via seleção, uma grana para vincular [risos]. Não deu certo, não, a gente conseguiu, mas tá louco, olha, foi um sufoco primeira coisa daí que eu pensei, bom, é uma associação de futebol feminino,

nada mais justo que convidar uma mulher. Não tinha treinadora de futebol feminino, não tem, é difícil, nem nos times femininos, aí eu achando que eu tinha tido uma baita ideia, não, eu vou convidar quem? Vou convidar a professora Tatiele, formada em Educação Física, concursada, com todos os predicados para assumir, tinha sido campeã gaúcha e tudo. Tomei-lhe pau! Recebia ligação até de noite em casa: “Mas tu vês o que tu quer fazer, porque não sei o quê, ela tem time”. Aquilo ali realmente eu acho que o erro foi ela ter time. Mas eu não tenho como pagar uma pessoa só para ser da seleção, eu tinha que ter, mas assim, foi que surgiu a ideia, entendeu? Aí eu achei que foi bom, o resultado foi bom, nós tivemos o apoio da ULBRA<sup>44</sup>, fizemos aquela, mostramos que era um trabalho sério, as meninas, os pais, as pessoas que vincularam. Acho que foi bom, a gente conseguiu montar uma comissão técnica. Acho que o projeto da seleção ainda é viável. Ainda não desisti só que a própria cultura atrapalhou um pouco, é, futebol feminino tem que ter mulher, vamos lançar uma treinadora, essa é a minha ideia, mas aí claro, meti pau, depois, o peso da camiseta atrapalhou um pouco. A Tatiele também acha. Ela me disse: “Bah, Neco, eu não convido, mas as gurias vêm e me pedem para jogar aqui, como é que eu vou dizer que não?” Está certo, mas aí como é que vais dizer que lá no interior a guria não pediu para vir? Poxa, então, tirando essas coisinhas que eu acho que foi mínima, ainda é um projeto viável, nós não desistimos. Sempre que eu posso eu cutuco um empresário ou outro a respeito disso porque ele tem que ver que tem possibilidades na seleção maiores que o próprio campeonato gaúcho. Mas foi assim que surgiu. Ainda tenho guardados todos aqueles uniformes, tenho tudo. Acho que é viável, até mais viável do que resolver essa pendência no nacional. Acho que o estado do Rio Grande do Sul poderia se viabilizar no futebol feminino e crescer a partir de um projeto de seleção. Imagina, nós estamos aqui próximos do Uruguai, da Argentina, imagina fazer uma quadrangular! As meninas topam, conheço, já me disseram que topam, seleção gaúcha, Uruguai, Argentina e Chile, vamos fazer aqui no verão, sabe, tu vende ingresso, tu organiza o troço, acho que ainda vai acontecer.

S.R. – Podes destacar algum momento marcante, um, ou dois, ou três, da tua trajetória dentro do futebol feminino?

---

<sup>44</sup> Universidade Luterana do Brasil.

C.S. – Muito marcante foi aquela final que teve entre Flores da Cunha com o projeto da Feci<sup>45</sup>. A final foi em dezembro no mesmo dia da final do campeonato brasileiro, mesmo horário, 2012 ou 2011. Foi em Flores da Cunha. O estádio lotou, tinham mais de três mil pessoas e no mesmo horário da final do campeonato brasileiro de futebol masculino, que estava sendo transmitindo pela TV. Aquele jogo ainda foi até para os pênaltis. Foi muito emocionante ver a torcida gritando, aquelas meninas correndo! Depois na hora da premiação nós preparamos tudo, tinha aquele lança papel picado, tudo com a ajuda da prefeitura, claro, de Flores da Cunha. Depois num outro momento que eu retornei vi escrito lá, no estádio Flores da Cunha, campeão gaúcho de futebol feminino, assim bem grande que nem tem no Inter e no Grêmio. Então achei aquilo, bah! Pena que a prefeitura mudou, o partido não apoiou mais, mas aquilo ali marcou muito, pô, a gente conseguiu premiar uma coisa que realmente todo mundo buscava, e outra, por incrível que pareça, foi a seleção gaúcha, a gente conseguir fazer aquele jogo, apesar de tudo. Te lembra, o uniforme chegou em cima da hora [risos], o cara patrocinou os uniformes, mandou de Veranópolis para lá e a gente esperando e não vinha, aí tivemos que ir comprar do nosso bolso os uniformes ...

S.R. – Foi em Rio Grande né?

C.S. – Não, foi em Alegrete.

S.R. – Alegrete!

C.S. – Fizemos a preliminar do Grenal, te lembra?

S.R. – Sim.

C.S. – E, cara, aquilo não chegava, mas aí chegou graças a Deus, Aí as gurias contornaram, entraram em campo com o uniforme, pô, estava bonito. E outra, a gente foi um dia antes, as gurias hospedadas, alimentação, local para treino, acho que é um momento interessante, se vê a satisfação das meninas todas ali realmente se sentiam

---

<sup>45</sup> Fundação de Educação e Cultura do Sport Club Internacional.

reconhecidas por aquilo, acho que é o que podia fazer aquilo ali. Realmente, foram dois momentos que me marcaram muito, positivos. Apesar de muito esforço, muito esforço. Uma outra coisa que eu acho que abalou um pouco foi quando o Luciano do Valle descobriu que nós tínhamos aqui o campeonato gaúcho com vinte equipes na série A, vinte e oito na série B. Ele veio, a gente fez amizade e ele trouxe o Foz Cataratas para fazer dois jogos. A gente agilizou, foi lá no SESC. Ele tinha um programa de TV, me chamou e falou assim: “Professor Neco, eu vou lhe dizer..”, o programa dele ia ao ar à uma da manhã. Estava eu e a Tati lá para fazer uma entrevista sobre a seleção gaúcha, e ele assim: “vou te contar de canto ...”, a Tati nem sabe, “eu vou te contar uma coisa, “eu já fiz até sinuca e deu certo, agora com o futebol feminino eu não estou conseguindo, cara”. Ele me falou isso, aí olhei para ele e falei assim: “Pô, se tu está dizendo que não consegue imagina eu aqui [RISOS], eu vou morrer aqui”. Então, foram assim, momentos, mas aquilo ali, pelo contrário, a gente levou adiante. Assim, de emoção, eu me emociono ainda, essa final que eu achei fantástica, ali, mostrou que o campeonato gaúcho tem condições. Essa trajetória da seleção gaúcha, que queira ou não queira, nós conseguimos, viabilizamos, fizemos. As gurias foram até lá e tal, e depois dessa situação do Luciano do Valle, já falecido, mas comentando isso comigo, que ele preferia fazer os jogos da seleção brasileira que geram mídia e a Band<sup>46</sup> então, até ele tirava o dinheiro para apoiar ali do que necessariamente construir o que a gente está fazendo no Rio Grande do Sul, uma base para desenvolver isso.

S.R. – Esta situação da seleção foi em que ano mesmo?

C.S. – Ah, não te lembra? Eu acho que foi 2012?

S.R. – Acho que foi 2012.

C.S. – Foi no primeiro ano do Grêmio, depois outro ano foi do Guaíba, naquele ano foi Guaíba, 2012, foi 2012, foi, te lembra?

---

<sup>46</sup> Rede Bandeirantes.

S.R. – Do ano, especificadamente não [RISOS].

C.S. – É, mas é ali, onze e doze, porque estamos em quatorze, dois anos atrás não foi, este ano não, ano passado, então foi em 2011.

S.R. – Perfeito. Então, quais são as tuas perspectivas em relação ao futebol feminino dentro do Rio Grande do Sul?

C.S. – Eu sempre penso positivo Pode ser que os caras diziam: “tu viajas”, eu falei: “ah, mas tem que viajar para poder atingir alguma coisa”. Eu acho que a partir desse convênio que se formou com a FUNDERGS com a UFRGS, independente de quem assumir o estado na próxima eleição, eu acho que foi um grande passo. Se nós aproveitarmos agora, mostrarmos todo esse potencial que a gente mostrou nesse Programa Futebol e Mulheres desenvolvido na Copa<sup>47</sup>. Agregou entidades e mostrou que se trabalha e se trabalha sério. O próprio campeonato gaúcho, ajudamos a Copa RS para fazer o Gaúchão. Se a gente levar esses projetos ao estado no próximo ano eu tenho certeza que ele não vai ficar, assim, visto de lado, não. Eu entendo que este ano é um ano fundamental, se somaram entidades fortes, UFRGS, independentemente de ser Governo Federal, mas a UFRGS, ela tem um peso nesse quesito educação. O Sindicato e Árbitros foi reforçado a partir desse curso de arbitragem e a Associação a partir dos convênios, então, a perspectiva que eu penso para o Rio Grande do Sul é o seguinte: 2014 o futebol feminino sai reforçado, sai com uma outra visão, agora, semana que vem, nós estaremos recebendo da Federação de futebol a filiação. Isso também é um reconhecimento. Antes era do presidente direto conosco, agora não, é uma entidade reconhecendo autenticidade do ponto de vista jurídico. Nós vamos estar filiados à Federação do futebol, ou seja, nós vamos ser reconhecidos como entidade esportiva de fato e de direito. E eu vejo o próximo projeto, e está muito próximo, são os polos de desenvolvimento de futebol feminino. A partir desses clubes que estão no interior, o que seria isso? Seria um projeto pela lei federal de fomento de futebol feminino,

---

<sup>47</sup> Referência as atividades desenvolvidas em conjunto com a Fundação do Esporte e do Lazer do estado do Rio Grande do Sul, Secretaria Estadual de Política para as Mulheres, Centro de Memória do Esporte e Associação Gaúcha de Futebol Feminino em prol da visibilidade do futebol feminino

reforçando esses clubes que já jogam e desafiando a desenvolver cada um deles escolinhas de futebol feminino para que comecem a trabalhar na base via lei de incentivo. Vejo o futebol feminino num crescimento no Rio Grande do Sul, só que ainda vinculado às pessoas. Isso não pode, ele tem que ser reconhecido como prática esportiva, qualquer pessoa que assumir continue trabalhando normal, não depende assim, da Suellen<sup>48</sup>, não depende da Tati, não depende da Pamela<sup>49</sup>, não depende do Neco, não depende da Silvana, ele tem que seguir o caminho normal.

S.R. – Mais algum nome que lembre que te ajudou nessa trajetória?

C.S. – A Pretinha<sup>50</sup>, Pretinha também me ajudou.

S.R. – Da seleção?

C.S. – Sim, foi da seleção. Ela está no Rio Grande do Sul e ajudou muito. Outra pessoa também do futebol, que joga ainda é jogava lá no Atlântico, de centro médio agora, jogou na seleção brasileira, estava jogando de zagueira no Atlântico, jogava lá em Ijuí.

S.R. – A Mari<sup>51</sup>?

C.S. – Não! Da seleção brasileira, uma veteraninha já, minha amiga para caramba! Ela, de vez em quando me liga, até o apelido dela é do local onde ela mora. Ah! Não podia deixar de lembrar dela [RISO], pô que pena, ela, não me lembro, vai passar. Acho que os nomes de pessoas, independente de sexo, que ajudaram, assim, o futebol feminino?

S.R. – É. Por exemplo, temos o Marcos Planela lá em Pelotas.

---

durante a realização da Copa do Mundo de Futebol FIFA 2014 em Porto Alegre, uma das cidades sede do evento.

<sup>48</sup> Suellen dos Santos Ramos, entrevistadora.

<sup>49</sup> Pamela Siqueira Joras, entrevistadora.

<sup>50</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>51</sup> Nome sujeito a confirmação.

C.S. – Eu acho que o Ataíde<sup>52</sup>, por mais que seja, assim, meio diferente da gente, mas ele é um cara que pegou o futebol e leva os times dele. Ele vai, é um cara que não tem formação profissional, mas é um cara que é presidente de um clube e se dispõe a fazer o futebol feminino. Diferente das pessoas que têm toda a cultura, todo conhecimento e só falam do futebol feminino não fazem pelo futebol feminino, inclusive com livros editados e a gente sabe pô! Tem que fazer, eu acho que é bom citar, começa por Guaíba, o Ataíde, o homem do chapéu, passa lá pelo Marcos Planela, em Pelotas, passa pela Professora Rosângela, em Rio Grande. Depois vem aqui para Porto Alegre, tem a Duda que faz um trabalho, tem a Tatiele que já fez, não está aqui conosco, acho que vai aqui para Cachoeirinha agora, essa menina, o clube Onze Unidos que está dando oportunidade para Karina fazer isso aí, recém iniciando. Vamos ver se ela consegue, está mostrando competência na organização, isso é importante. Depois vai para o Newton em Sapucaia. Depois vai subindo ali, para o Atlântico Futebol Clube, o nome do presidente é Éder<sup>53</sup>, que é o cara que estimula, que garante que aconteça. Vai lá para Tapejara, professor Gringo<sup>54</sup> e o Sebastião<sup>55</sup>. Depois vai para Marli Lorenzo<sup>56</sup> em Ijuí, bah, tá louco, aquela mulher é fera, ela é parceira, ela tem um jeito também, assim, faca na bota! Mas, na verdade tu chega lá ela tem sempre todas as condições, é brigadiana, pode ver, ela leva a sério aquilo, em Santo Ângelo agora lá com o presidente Osmar., Santo Ângelo fundou uma associação: Santo Ângelo de Futebol Feminino, então, para poder desenvolver isso aí. Espero que não tenha esquecido ninguém, uma pessoa que contribuiu muito, há um tempo, foi a professora Sônia<sup>57</sup>, lá do Juventude de Caxias, que até foram naquela final lá de Caxias me abraçar. Eles achavam que a coisa não ia andar e andou e lá no Torrense, a Vânia<sup>58</sup> lá do Torrense<sup>59</sup> que infelizmente o Torrense era uma equipe que vivia daquilo, pegava as equipes dos outros estados, montava e vinha jogar aqui e aí quando a gente começou a forçar, não, nós queremos desenvolver aqui, aí ele não, claro, ele não teve [PALAVRA INAUDÍVEL] porque as pessoas não tem tempo para treinar e o que vai se fazer? O presidente Novelto da Federação que

---

<sup>52</sup> Nilton Santos de Ataíde.

<sup>53</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>54</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>55</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>56</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>57</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>58</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>59</sup> Sport Clube União Torrense.

de alguma forma apoiou, dentro das condições, foi muito transparente desde o início: “olha eu libero para ti, mas faz por ti, o que precisar vem e me pede, se eu puder ajudar eu ajudo”. É isso!

S.R. – Tem alguma coisa que não perguntamos e que gostarias de falar?

C.S. – Tá louco! Acho que já falei demais! Já gosto de falar e futebol feminino é assim: “bah, tu fala, tu te emociona!” Eu falo: “Não, não é, me emociono, mas são poucas as pessoas que se dispõem a perder tempo falando sobre futebol feminino e tem que falar, falar, falar, falar porque é muita informação. A pessoa vai dizer daqui a pouco: “Tá, chega!”. Tem que falar, eu acho que é isso, que nós não podemos dividir, que o momento agora é de somar forças para que o esporte vença. No esporte tem lugar para os homens e para as mulheres. Esse discurso tem que ser separado, a questão do empoderamento a partir do esporte no futebol. Isso realmente precisa. O esporte tem espaço para todo mundo e nós temos que somar forças para vencer e construir no Brasil a condição para essas meninas. Senão nós vamos estar sempre aqui, ah, legal, nós temos o pensamento, a gente quer, tu fez a tua parte, eu fiz, todo mundo fez sua parte, mas na verdade não levou a lugar nenhum. Nós temos que buscar, estamos fazendo futebol e nós vamos para onde? Ah, vamos fazer um time de futebol, legal, vamos fazer um futebol na UFRGS. Para quê? Para aprender técnica, ah tá, então tá, então vai ser para isso? Não, nós vamos fazer um time de futebol para jogar, ah, legal, nós vamos fazer o que com essas meninas? Qual é a perspectiva que vamos dar para elas? Vai jogar enquanto está na faculdade, termina a faculdade: “Bom, e agora eu jogo onde?” Ah, pois é, durante a faculdade tu tinha e depois? Entendeu? Acho que a gente tem essa obrigação. Nós temos que levar visando sempre lá, aonde é que eu vou levar. Senão fica o pai que corre com a menina para jogar em busca de algum lugar para ela ir e aí não tem. Acho que essa responsabilidade nós temos que ter.

S.R. – Então, é isso, muito obrigada, Neco.

C.S. – Muito obrigada a vocês.

[FINAL DA ENTREVISTA]